

A NARRATIVA DOS CONTOS DE BICHOS DE MIGUEL TORGA E DA FÁBULA DA TRADIÇÃO ESÓPICA: UMA LEITURA COMPARATIVA

Monica de Oliveira Faleiros - Uni-FACEF

A intenção de apresentar este trabalho no IX Encontro de pesquisadores do II Fórum de estudos multidisciplinares do Uni-FACEF foi de trazer ao conhecimento desta comunidade acadêmica um pouco do que constituiu nossa pesquisa de mestrado sobre Miguel Torga, por meio da apresentação de seus objetivos, do percurso trilhado, e dos resultados obtidos.

É fundamental, para adentrar o universo ficcional desse autor, saber que “Miguel Torga” foi um nome de poeta que o escritor e médico otorrinolaringologista Adolpho Correia Rocha construiu. Para sobrenome escolheu o nome de uma urze, a torga, um simples arbusto da montanha cujo valor não está nos frutos ou na madeira, mas na raiz. Essa raiz, atingindo, no solo da montanha, grandes profundidades em busca de água, demonstra capacidade de sobreviver às adversidades e, além disso, é utilizada como fonte de luz e calor durante o rigoroso inverno das terras frias de Trás-os-montes. Nessa medida, representa um importante recurso de sobrevivência para os homens humildes da montanha, trabalhadores da terra transmontana, de que o poeta é filho.

O crítico português, Eduardo Lourenço, em artigo intitulado “Um nome para uma obra”, diz que:

Esta vontade de identificação ou assimilação totêmica – se o termo é lícito fora da referência ao reino animal - com uma planta, e nela, com a natureza no seu aspecto quase mineral, foi integrada na leitura e exegese da sua obra como sua imagem de ressonância mítica. Assim o que quis o próprio autor e assim o impôs aos leitores, não como simples pseudônimo, mas como “nome”, ao mesmo tempo simbólico e natural (1994. p. 277).

A esse sobrenome, o poeta somou o nome do arcanjo “Miguel” que, para Eduardo Lourenço, representa a inscrição do autor numa genealogia também mitificante, mas, nesse caso, cultural, demonstrando “reverência perante três Miguéis da sua nunca desmedida devoção: Miguel Ângelo, Miguel de Cervantes e

Miguel Unamuno”. O crítico enfatiza que a vinculação a esses “Miguéis” é reveladora não só da admiração pelos artistas, mas de sua identificação a eles, por sua atitude humanista, independente e inconformada. Por meio do novo nome, o poeta “realiza uma “auto-mitificação que se cumpre na invenção de si como Miguel Torga” (LOURENÇO, 1994, p. 278).

É por meio desse nome que se estabelece uma profunda relação de compromisso entre a identidade construída e a produção literária, uma vez que esta é representativa do princípio organizador da obra, de que emanam a temática do humanismo telúrico e da austeridade da expressão, de modo que tudo passe a convergir para a idéia da “fidelidade de raiz” manifesta na postura solidária que adota em relação aos seus semelhantes e na busca não só de justiça social, mas também de justificação existencial.

A idéia inicial para esta pesquisa foi a de abordar a obra *Bichos*, que é um livro de contos em que se notam as heranças do texto fabular. À maneira das fábulas tradicionais, a maioria das narrativas de Torga tem como personagem um “bicho” humanizado – cão, gato, burro, etc. Daí compará-las às fábulas da tradição esópica, tendo em vista que o aspecto coincidente entre as narrativas de *Bichos* e as das fábulas é o fato de ambas apresentarem animais como personagens.

Assim, passamos a investigar em que medida as personagens de *Bichos* se relacionavam às da fábula, uma vez que, para nós, era evidente essa referência (prova disso é o conto “Cega-Rega”, texto central do livro em que identificamos relações intertextuais com a fábula esópica “A cigarra e as formigas”). Nosso trabalho foi apontar de que tipo e de que maneira essa relação se dava e que significados isso poderia acrescentar à interpretação da obra.

Resumindo, nosso objetivo foi configurar a unidade da obra, por meio da análise de algumas categorias narrativas, e apontar a relação existente entre essas narrativas e a tradição fabular, por meio da análise das personagens, especificamente.

Percursos e encontros

O percurso inicial da pesquisa foi marcado pelo estudo dos textos críticos sobre Miguel Torga; em seguida, passamos à investigação dos aspectos temáticos e paratextuais e das categorias narrativas tempo, espaço e personagens com o objetivo de identificar a existência de uma unidade entre os quatorze contos que não foram reunidos aleatoriamente ou dispostos arbitrariamente.

Quanto às personagens, cujos nomes intitulam os contos, percebemos que apresentavam traços semelhantes e diferentes entre si quanto à sua forma de composição, pois algumas eram representações de bichos domésticos, outras de bichos não domésticos e outras ainda, de seres humanos. Entretanto, apesar dessas diferenças, percebemos que nas narrativas, às personagens-bichos atribuía-se um processo de humanização e o inverso ocorria com os humanos. A investigação, orientada pelos estudos de Maria do Carmo Sequeira (1994), levou, por exemplo, à constatação de que em alguns textos os bichos- especificamente aqueles que designamos “não domésticos” – uma cigarra, os pássaros (Farrusco, Ladino, Vicente) e, inusitadamente, um sapo (Bambo) constituíam-se como figurações do poeta; quanto ao aspecto espácio-temporal, pudemos comprovar sua coincidência nos contos não só por meio da ambientação das narrativas em espaços naturais, mas pela referência presente nos contos a personagens de outros contos do livro. Um dos exemplos disso poderia ser o do conto “Ladino” em que o narrador, ao início, faz referência a Tenório, o galo, nome de personagem que intitula outro conto da obra.

Além dessas mútuas referências ao mesmo universo, observamos que os contos desenvolvem-se como numa pauta musical em que a clave corresponde ao paratexto: título e prefácio como chaves para o texto, uma vez que, para o autor, “bichos” são todos os seres igualados em suas vicissitudes, companheiros da mesma “arca”, a “Arca de Noé”, alegoria construída para representar a idéia de que somos parte de algo comum. No prefácio afirma:

[...] Fazemos parte do mesmo presente temporal e, quer queiras, quer não, do mesmo futuro intemporal. Agora sofremos as vicissitudes que o momento nos impõe, companheiros na premente realidade quotidiana [...] Se eu hoje me esquecesse das tuas angústias, e tu das minhas, seríamos ambos traidores a uma solidariedade de berço, umbilical e cósmica; se amanhã não estivéssemos unidos nos factos fundamentais que a

posteridade há-de considerar, estes anos decorridos ficariam sem qualquer significação, porque onde está ou tenha estado um homem é preciso que esteja ou tenha estado toda a humanidade [...] (TORGA, 1996, p. 9)

Essa igualdade entre os seres manifesta-se por meio da narrativa das misérias, dos erros, das “vicissitudes” dos bichos-homem/homens-bicho, personagens das narrativas igualados.

Como dissemos, a obra de Torga foi analisada comparativamente à fábula. Assim, ao longo do trabalho, descrevemos as personagens das fábulas procurando lembrar seu aspecto alegórico e tipificador presente na figurativização dos temas que se propõem explicitamente na moral que compõe essa forma. A moral, por sua vez, condena comportamentos negativos ilustrados na narrativa alegórica e, assim, propõe ensinamentos.

Quando lemos os contos de *Bichos* somos levados a pensar numa relação com a fábula antiga por causa dessa presença de animais figurados como homens apresentados como personagens, que é uma das marcas desse gênero. Mas, depois, percebemos que há diferenças.

Uma vez mergulhados no universo de Miguel Torga, percebemos que a interpenetração das categorias de homem e animal é uma forma de realizar a fraternidade entre os seres, filhos da Mãe-Terra. Esse retorno, essa busca de uma "comunicação com as forças elementares do mundo", nas palavras do autor, é, segundo Teresa Rita Lopes (1993), resultado da busca angustiada do homem moderno por sua essencialidade perdida, por sua sensibilidade embotada.

Na fábula, as personagens são importantes enquanto agentes, são exploradas exteriormente, pois o que interessa são suas atitudes em determinadas circunstâncias quando seu comportamento é avaliado ou ainda ridicularizado. Já em *Bichos*, principalmente no caso dos animais domésticos, as personagens apresentam uma consciência diante das circunstâncias que se apresentam a elas. Aqui também essas personagens são agentes, mas o narrador, mostrando-as por dentro, parece querer deixar claro que, diferentemente da fábula, em que o objetivo é propor uma conduta ética, neste caso, não cabem julgamentos porque as ações e as conseqüências dessas ações nem sempre são escolhas desses seres.

A investigação sobre os nomes das personagens de Torga demonstrou ainda que, embora sendo configuradas como individualidades, apresentam aspectos

que apontam para uma tipificação, uma vez que a conduta das personagens estava previamente marcada por seu caráter, apontado no nome próprio ou ainda na simbologia de que se revestia.

Fizemos ainda um exame das escolhas vocabulares, que demonstrou, em nível textual, o nivelamento entre animais e homens, quando as referências a uma personagem humana era feita por meio de escolhas provenientes de um campo semântico relacionado ao animal, ocorrendo o oposto em relação às personagens animais.

Construindo tipos psicológicos universais, o narrador de *Bichos* apresenta uma profunda visão humanística de suas personagens, que não são julgadas ou censuradas por seus atos, mas suas experiências levam a uma reflexão sobre a existência. Lembremo-nos ainda da postura adotada já no prefácio marcada pelo compromisso fraterno, solidário do autor para com os *bichos*, uma vez que ele se coloca como um deles, sujeito às mesmas “vicissitudes”.

Lembrando ainda a construção da unidade da obra e, conseqüentemente, de seu título, consideremos a visão de mundo de Torga voltada para a valorização da essencialidade, da comunhão com a natureza, da solidariedade, refletidas na paisagem mítica em que se aprende a “lição da raiz”. Assim, *Bichos*. Mas por que não *animais*? “Animal” somos todos porque animados, seria preciso assim opor a distinção racionais/irracionais. Mas *bicho*, não. Conforme Lopes (1993), um disfemismo, como é comum na linguagem de Torga. Neste caso, atribuir ao homem esta designação seria para marcar uma degradação. Degradação esta que marca, por sua vez, a condição de seres humilhados tanto pela condenação de que não se pode fugir – a morte, quanto pela subjugação ao inesperado, às circunstâncias sociais, às “vicissitudes”, enfim.

Assim, essas personagens ora homens, ora bichos, são representações do humano, mas sem “desumanizá-lo” – lembrando o que afirma Lima (1986) - como ocorre na fábula. São personagens que se colocam entre a individualidade e a tipificação para mostrar a relativa liberdade dos seres.

REFERÊNCIAS

LIMA, A. D. “A forma da Fábula”. In: *Significação*. Revista Brasileira de Semiótica, Araraquara, nº 4, Junho de 1984.

LOPES, T. R. *Miguel Torga: ofícios a “um deus de terra”*. Rio Tinto: Edições Asa, 1993.

LOURENÇO, E. "Um nome para uma obra". In: *Aqui, neste lugar e nesta hora: actas do primeiro congresso internacional sobre Miguel Torga*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1994.

SEQUEIRA, M. do C. C. B. V. “Esta estranha condição de poeta: *Bichos* de Miguel Torga” in *Aqui, neste lugar e nesta hora: actas do primeiro congresso internacional sobre Miguel Torga*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1994.

TORGA, M. *Bichos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.